




# SIQUIRJ

# INFORMA

Nº 203

Set/2018

Inovação tecnológica e novas estruturas organizacionais são essenciais para o crescimento

## Indústria 4.0 ainda tem dúvida sobre rumo

O setor industrial da América do Sul já entendeu que a inovação tecnológica e a adoção de novas estruturas organizacionais são essenciais para o crescimento, mas na hora de pensar em novos negócios que possam garantir força na concorrência, não há clareza sobre qual caminho a ser tomado, diz a Accenture. Estudo da consultoria, que foi apresentado em 24 de setembro na feira Rio Oil & Gas, mostra, por outro lado, que as companhias estão cientes da necessidade de dar esse salto e que os investimentos já estão sendo preparados.

Ao Valor, Renato Improta, líder da Accenture no segmento chamado de "industry X.0" - já prevendo que haverá novas revoluções além da indústria 4.0 - para a América Latina, disse ter se surpreendido por quanto das receitas na região já se baseiam em produtos conectados e "inteligentes". Ele revelou "otimismo moderado" para a participação do Brasil nesse processo. Em sua opinião, as turbulências pelas quais o continente passa "não são novidade, infelizmente", e não necessariamente colocam em xeque esse avanço.

A Accenture ouviu 141 executivos nos quatro principais países sul-americanos - além do Brasil, a Argentina, o Chile e a Colômbia -, com destaque para bens de consumo e serviços, equipamentos industriais, indústria automotiva, química, de recursos naturais e de energia. Deles, 97% declararam ser importante ou extremamente importante transformar os negócios e buscar novas fontes de receita durante o triênio de 2018 a 2020. E 64% elegeram a adoção de novas tecnologias e a inovação como estratégias prioritárias.

O encolhimento da economia não foi uma exclusividade brasileira. Os quatro principais países da América do Sul assistiram a uma queda de 3,3% ao ano em seu PIB de 2013 a 2017. A indústria perdeu significância nesse período, com taxa de recuo de 11,4%.

A grande responsável por esse movimento negativo foi a desvalorização das commodities, o que resultou em diminuição das exportações. O cenário adverso afastou investimentos, o que deixou o continente atrás de desenvolvidos, como os Estados Unidos e Europa, na inovação da indústria. "Mas em contatos com vários de nossos clientes, percebo que o orçamento de investimentos de 2018 já foi maior do que nos anos anteriores", revela Improta. Segundo ele, "a tendência é que no triênio até 2020 isso continue acontecendo".

Para o especialista da Accenture, o enxugamento das companhias em sua estrutura de custos para lidar com a economia pior ajudou a promover um ambiente saudável financeiramente para que elas toquem esses projetos - a depender do setor. Hoje, cerca de 48% das receitas por ano se originam em produtos e serviços conectados e "inteligentes". Três anos atrás, a proporção era de 40%, o que já demonstra crescimento, mas até 2020 a perspectiva é de que a fatia chegue a 62%.

Para ter maior eficiência operacional, 62% dos entrevistados aposta em computação móvel, 60% em inteligência artificial para aprendizado das máquinas e 58% em segurança cibernética. A customização oferecida para o cliente também está entre as prioridades, até mesmo por exigência do consumidor, e a maioria, aproximadamente 60%, elegeram a realidade aumentada para tal.

Alguns executivos, por outro lado, também responderam que não têm amadurecimento e muito menos planos para os próximos anos. Outra parcela tem algum plano, apesar de não se enxergar pronta ainda. Somados os que ainda estão inseguros com a inovação, a proporção chega a mais da metade.

A turbulência sul-americana, com a desvalorização de moedas emergentes, a crise econômica na Argentina e as incertezas políticas no Brasil atrapalham, mas não impedem que se aproveite essa "janela", acrescenta o especialista. "Crises não são novas na América Latina. Acho que a falta de investimentos durou muito tempo, mas até por necessidade o crescimento vai ocorrer, de certa forma independentemente do cenário", acrescenta.

Fonte: Valor

## Editorial

### Boas notícias, elas existem... (2)

O Estado do Rio de Janeiro voltou a respeitar os limites de gasto de pessoal, conforme o estabelecido pela Lei de Responsabilidade Fiscal, não pelos cortes de gastos, mas devido ao aumento da arrecadação, na qual os royalties da extração do petróleo têm grande participação.

A exploração do petróleo na Bacia de Campos é fundamental para dar um fôlego ao próximo governador.

Para melhorar as perspectivas - doze anos após a descoberta do pré-sal - os avanços tecnológicos e a elevada produtividade dos campos tornaram os campos petrolíferos competitivos a partir do preço internacional do barril no nível de US\$ 35,00. Muito mais atraente que o petróleo não convencional americano e que as areias betuminosas do Canadá.

Podemos avaliar a importância da retomada das licitações, no caso específico dos blocos considerados no próximo leilão, as quatro áreas têm reservas recuperáveis de 2,4 bilhões de barris, levando em conta que com as tecnologias disponíveis, a quantidade máxima que se pode extrair estaria próxima a 30% do reservatório.

O último leilão antes das eleições acontecerá em um clima de preocupação com possíveis mudanças nas regras do jogo ou mesmo em uma suspensão prolongada dos certames consecutivos, como ocorreu em passado recente. A estimativa é de que no caso de todos os lotes serem arrematados, o valor apurado pode chegar a R\$ 180 bilhões em royalties, participações especiais e tributos federais, considerando a entrada em operação do poço e os 35 anos de contrato.

O ERJ e seus municípios serão os primeiros beneficiados com a retomada das licitações, porque as decisões iniciais de tocar os projetos resultam em investimentos em torno de R\$ 80 bilhões, embora o regime de partilha destas áreas implique em dispêndios iniciais menores e maiores pagamentos quando se iniciar a produção.

Apesar do clima político-econômico angustiante há boas notícias. O Brasil e o Rio são maiores que os seus problemas.

## MDIC institui Grupo de Trabalho para a Diversificação da Indústria Química

O Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) instituiu o Grupo de Trabalho para a Diversificação da Indústria Química (Gediq), por meio da Portaria nº 1.606-SEI, de 20 de setembro de 2018, publicada no Diário Oficial da União (DOU).

A criação do Gediq pelo MDIC aponta o reconhecimento da importância da indústria química para a geração de renda, emprego e inovação tecnológica e a necessidade de identificar e avaliar propostas para a diversificação do setor químico nacional, com base no Estudo do Potencial de Diversificação da Indústria Química Brasileira, elaborado pelo consórcio Bain & Company e Gas Energy e financiado pelo Fundo de Estruturação de Projetos (FEP) do BNDES.

A criação do grupo é pleiteada pela Associação Brasileira da Indústria Química – Abiquim há mais de dois anos e teve como base políticas industriais já desenvolvidas em países como China, Índia e no Geiquim – Grupo Executivo da Indústria Química, que gerou a criação do Polo Industrial de Camaçari e do Polo Petroquímico de Triunfo. O trabalho do Gediq poderá resultar em novos investimentos no prazo de dois a três anos.

O Gediq será coordenado por representantes da Secretaria-Executiva do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços e será integrado por representantes da Secretaria de Desenvolvimento e Competitividade Industrial, o grupo também contará com membros da Secretaria de Comércio Exterior; da Secretaria de Inovação e Novos Negócios; e da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial. Sendo que o coordenador do Gediq poderá convidar representantes de outros órgãos públicos e de entidades públicas ou privadas ligadas ao setor para colaborar com o desenvolvimento das atividades do Grupo.

Segundo o presidente-executivo da Abiquim, Fernando Figueiredo, ainda na primeira reunião do grupo, que deverá contar com a participação da Associação e da Confederação Nacional da Indústria – CNI, serão escolhidos os setores que serão avaliados e as entidades que serão convidadas a participarem das discussões. “Devemos nos concentrar em três ou quatro setores avaliados pelo estudo para termos resultados”.

As deliberações do Gediq deverão ser aprovadas pela maioria dos membros, cabendo ao coordenador o voto em caso de empate. O Gediq terá o prazo de 180 dias, contados a partir da publicação da portaria, para submeter o relatório final à aprovação do MDIC, com propostas de ações para a diversificação da indústria química brasileira. O prazo para apresentação poderá ser prorrogado uma única vez, por até 90 dias.

Fonte: Abiquim Informa

## Déficit em produtos químicos soma US\$ 27 bilhões em doze meses, maior valor desde 2014

As importações brasileiras de produtos químicos somaram US\$ 4,4 bilhões em agosto, aumento de expressivos 19,1% em relação ao mesmo mês de 2017, fazendo com que o resultado seja o maior valor de importações para o mês desde os anos de 2013 e de 2014, quando foram registrados os déficits recordes de respectivamente US\$ 32 e US\$ 31,2 bilhões. No acumulado do ano, as compras de produtos químicos do exterior totalizam US\$ 27,6 bilhões, elevação de 14,7% frente ao mesmo período de 2017. O volume de importações, de 26,8 milhões de toneladas, aponta queda de 7,4%, apesar da recente retomada das aquisições de fertilizantes.

Com mais esse aumento nas importações, o déficit na balança comercial de produtos químicos, de janeiro a agosto, chegou a US\$ 18,7 bilhões, expressivo aumento de 23,2% em relação ao igual período de 2017. Nos últimos 12 meses (setembro de 2017 a agosto deste ano), o déficit comercial atingiu a marca de US\$ 27,0 bilhões, antecipando para meados do ano o resultado esperado para o final de 2018, que, a depender do comportamento do mercado interno e dos reflexos da guerra comercial entre os maiores players globais no setor químico, Estados Unidos e China, poderá ser superior aos US\$ 28,0 bilhões, alcançando o mesmo patamar do déficit em produtos químicos antes da crise.

Em termos de quantidades físicas, as importações foram de 4,8 milhões de toneladas, desempenho fortemente impactado pelas elevadas compras de fertilizantes e seus intermediários (praticamente 3 milhões de toneladas), cravando o maior resultado observado para um único mês em toda a série histórica de acompanhamento da balança comercial do setor, que remonta a 1989. Em relação ao mês imediatamente anterior, julho de 2018, foram registrados aumentos de 10,6% em valor e de 17,2% em volume, nas importações. As exportações, por sua vez, alcançaram US\$ 8,9 bilhões, valor estável na comparação (aumento de 0,1%) com aquele registrado entre janeiro e agosto de 2017.

“Aquilo que se projetava para o final do ano [déficit de US\$ 27 bi], se consumou já em agosto. A forte alta cambial e algumas turbulências na economia não inibiram o crescimento das importações, de US\$ 4,4 bi nesse mês. Estamos acompanhando ‘com lupa’ os fluxos comerciais e é com muita preocupação que vemos a escalada das compras externas de produtos químicos, que foram de US\$ 2,8 bi em fevereiro para US\$ 4,4 bilhões em agosto. O excedente disponível no mercado internacional com a intensificação da guerra comercial entre as maiores economias representa uma ameaça real à produção nacional e à atração de novos investimentos e, nesse sentido, o Governo precisa garantir o funcionamento eficiente do sistema brasileiro de defesa comercial, intensificar o combate contra importações com indícios de irregularidades fiscais e administrativas e elaborar imediatamente um mecanismo de controle de comércio que impeça que o Brasil seja alvo de um surto de importações em condições predatórias decorrentes do atual desequilíbrio internacional”, destaca a diretora de Assuntos de Comércio Exterior, Denise Naranjo.

Fonte: Abiquim Informa

## Siquirj participa do 4º Intercâmbio de Lideranças Setoriais

Aconteceu, nos últimos dias 27 e 28 de setembro, o 4º Intercâmbio de Lideranças Setoriais da Indústria Química e Farmacêutica, realizado pela CNI, em Brasília.

O encontro com as lideranças setoriais, dentre elas o presidente do Siquirj, Isaac Plachta, teve como objetivo discutir caminhos para o fortalecimento do seu setor, conhecer soluções do Sistema Indústria e trocar informações com os presidentes de outros estados.

Na ocasião, foram apresentadas as oportunidades da Gerência Executiva de Políticas Econômicas da CNI para o setor, exemplos de boas práticas sindicais, também houve visita técnica a órgão do Poder Executivo, seguida de avaliação da referida visita.

Prosseguindo, foi apresentado o Mapa Estratégico da Indústria 2018-2022, bem como as oportunidades da Gerência Executiva de Infraestrutura da CNI para o setor e, por fim, o aplicativo da Rede Sindical.



Foto: Miguel Ângelo/CNI

Siquirj

## Sindicato da Indústria de Produtos Químicos para Fins Industriais do Estado do Rio de Janeiro

Filiado à FIRJAN

Av. Calógeras, nº 15 - 12º andar  
Centro - Rio de Janeiro - RJ  
CEP 20030-070  
Tel.: (21) 2220-8424  
e-mail: [siquirj@siquirj.com.br](mailto:siquirj@siquirj.com.br)  
home page: [www.siquirj.com.br](http://www.siquirj.com.br)

## Diretoria - 2016/2020

### Diretoria

Isaac Plachta (Presidente)  
Ciro Alves (Vice-presidente)  
Nicolau Pires Lages (Secretário)  
Paul Antoine Maron Gédéon (Tesoureiro)

### Suplentes

Wagner Sá  
Jorge Luiz Cruz Monteiro

### Conselho Fiscal

### Efetivos

Carlos Roberto da Silva  
Nélio Augusto Manhães Rodrigues  
Roberto Pinho Dias Garcia

### Suplentes

Ronaldo Valle Monteiro  
Ubiratan Sá  
Rodrigo Simion Hunger

### Delegados Representantes junto à Firjan

### Efetivos

Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira  
Carlos Mariani Bittencourt

### Suplentes

Isaac Plachta  
Roberto Pinho Dias Garcia